

CAI MITO DO 'DERRUBA E QUEIMA'

Estudos comprovam que agricultores se fixam nas terras cultivadas

Pesquisa derruba mito do abandono de terras. Dez anos atrás, imperava o conceito de que a colonização de Rondônia era "itinerante". Ou seja, os novos colonos, vindos do Sul ou do Nordeste, desmatavam seus lotes, produziam culturas anuais durante 3 a 5 anos, até acabar com a fertilidade do solo e depois abandonavam uma terra improdutiva, exaurida pela ausência de floresta, para ir desmatar mais adiante, começando todo o ciclo.

É um tipo de agricultura tradicionalmente praticado na região Norte e immortalizado pelos pesquisadores, autoridades e ambientalistas internacionais pela expressão "slash and burn" (derruba e queima).

Para entender melhor esse processo e procurar sistemas de produção mais sustentáveis para a região, uma equipe de pesquisadores do Núcleo de Monitoramento Ambiental, NMA, e da entidade não-governamental Ecoforça foram a Machadinho d'Oeste, em Rondônia, entrevistar os colonos recém-assentados, em áreas médias de 50 hectares. Durante os últimos dez anos, a equipe voltou várias vezes para acompanhar a evolução dos sistemas de produção.

Em julho deste ano, os mesmos 367 lotes foram reavaliados. O estudo derruba o mito do abandono

de terras e da agricultura itinerante: 158 lotes continuam nas mãos dos mesmos donos, com renda líquida média de 1 a 3 salários mínimos, retirados da agricultura. Mesmo as outras 209 propriedades (57% dos lotes) que já não estavam com o mesmo dono, não foram abandonadas. O estudo aprofundado dos sistemas de produção — em fase final de análise no NMA e na Ecoforça — agora coloca novos desafios para os técnicos: repetir em ou-

Café

PRINCIPAL CULTURA

tros lugares as medidas que se provaram sustentáveis em Machadinho d'Oeste.

Como tudo na Amazônia, tais sistemas de produção são complexos e não apontam para uma solução única. Cada agricultor adaptou seu conhecimento tradicional às condições de solo, clima e mercado. A maioria conseguiu um certo nível de capitalização e estabilidade econômica com culturas perenes. O café é a principal cultura comercial em 57,5% das propriedades, acompanhado da pecuária em 32,7% delas. Em porcentagens menores, os

agricultores também cultivam cacau, seringueiras, guaraná e urucum. Apenas 18% vivem basicamente da pecuária e 13,6% diversificam a fonte de renda, plantando arroz, feijão, milho, café, cacau, guaraná e criando gado.

Os restantes 10,9% misturam tudo isso a plantios de espécies nativas para extração de madeira (freijó e ipê) e de castanha-do-brasil, incentivados por financiamentos do Banco Mundial. O cultivo das espécies florestais ainda tem futuro incerto. Muitos agricultores estão plantando porque recebem incentivo direto. Quando o recurso acabar, não há garantias de que o plantio continue, sobretudo porque não há esquema de processamento e comercialização no local.

"Mesmo que o sistema agro-silvopastoril venha a funcionar em algumas propriedades, não é uma solução para todos os produtores", observa Evaristo Eduardo de Miranda, coordenador do estudo. "A sustentabilidade foi alcançada em lotes puramente agrícolas e com culturas perenes, derrubando o mito do 'slash and burn'. E os resultados obtidos desmentem este outro mito, mais recente, de que o correto é o sistema agro-silvopastoril", acrescenta o pesquisador.

(L.J.)